

Os Impactos da Desindustrialização na Região do Grande ABC

Henrique Silva dos Santos
Jonathan da Silva Ernesto
Lucas Gomes da Silva
Maria Eduarda Barsaneli de Souza
Saimon Gustavo Neves Camargo
Luciano Schmitz (orientador)

RESUMO:

O estudo busca analisar os impactos da desindustrialização vivenciada na Região do Grande ABC, levantando possíveis causas e efeitos para explicar a fuga de investimentos nas últimas duas décadas. Busca-se entender ainda o novo cenário industrial que está sendo formatado na região, tendo em vista a implantação da indústria 4.0 em diversos setores.

Palavras-chave: Desindustrialização; Grande ABC; Investimentos; Indústria 4.0

Considerações iniciais

A sub-região sudeste do estado de São Paulo, composta pelos municípios de Santo André, São Bernardo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, popularmente conhecida como Grande ABC, engendra na opinião pública uma realidade que talvez não seja, há tempos, o que é vivido pela região. As imagens fabris e as escolas técnicas que ilustraram o cenário do ABC paulista durante décadas, já não têm o mesmo efeito para os dias atuais. Na verdade, assistimos agora à criação e evolução de novos polos industriais e automotivos em outras regiões do Brasil. Ou seja, o cenário torna-se outro, o comércio assume uma posição que nunca tivera, novos shoppings e hipermercados tomam o espaço das linhas de produção.

É neste sentido que o estudo buscará avaliar os mais diversos campos, como empregos, investimentos, produção e exportações, bem como os seus efeitos para a economia regional.

1. Breve histórico sobre o processo de industrialização da Região do ABC

A atual cidade de Santo André surgiu em 1867 como um pequeno povoado denominado Estação São Bernardo, decorrente da instalação da ferrovia São Paulo Railway. Originalmente o núcleo urbano de Santo André localizou-se nas colinas próximas à várzea do Rio Tamanduateí, evitando-se à ocupação junto ao rio. Com a construção da ferrovia e a posterior instalação das primeiras fábricas, iniciou-se a ocupação de fato das áreas mais baixas e próximas à várzea. Langenbuch (1971, p. 105) observa que, além de uma incipiente função comercial, muitos povoados das estações ferroviárias abrigariam também uma função industrial, “compreendendo inicialmente o beneficiamento e a transformação de matérias-primas extrativas produzidas na redondeza”.

Esse processo foi consolidado com a industrialização do Grande ABC, que ocorreu, segundo Andrade (1979), em duas fases: a primeira (início do século XX até meados dos anos 50), com a construção de fábricas ao longo da ferrovia Santos-Jundiaí e, a segunda (após os anos 50), com a instalação das montadoras de veículos ao longo da Via Anchieta.

1.1 Primeira fase da industrialização do ABC:

- Em 1919 instalou-se em Santo André, uma filial do grupo francês RhonePoulenc, e posteriormente instalaram-se as fábricas Rhodiaseta e a Valisére.
- Em 1923, instalou-se em Santo André a Pirelli, empresa de capital italiano. Também em 1923, começou suas atividades a firma francesa especializada em cofres e estruturas metálicas denominada Fichet-Schwartz-Hamont.
- Em 1926, instalaram-se em Santo André mais duas grandes indústrias de porte: a Atlantis Brasil, e a Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC) esta última vinculada ao Grupo Matarazzo. Aliás, por mais de 50 anos, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (I.R.F.M.) foram o expoente da riqueza e da grandeza da indústria nacional. Na época, no então distrito de São Caetano 21 foi construída outra importante indústria do

grupo “a fábrica de rayon [que] auferia grande vantagem da localização junto à ferrovia que conduz tanto ao interior quanto ao porto.

- Em 1927, iniciou-se também em São Caetano a construção da fábrica da General Motors do Brasil em um terreno situado entre a ferrovia e a antiga ligação São Caetano - Santo André (atual Av. Goiás).
- Em 1940 inaugurou-se a fábrica de pneus Firestone, empresa de capital norte-americano em uma área de 11.720 m² em Santo André, esta contava com 333 funcionários e tinha capacidade para produzir cerca de 12,3 mil pneus mensalmente. Em pouco tempo, a produção da Firestone Brasil superou as expectativas e dominou o mercado de veículos. Além disso, no ano de 1944, a empresa instalou uma unidade de tecelagem e fiação ao lado da fábrica de pneus.
- Em 1945 foi lançada a pedra fundamental da EletroCloro, na região do Rio Grande. Também em 1945 a General Electric adquiriu um terreno nas proximidades da estação, onde construiu uma fábrica de aparelhos elétricos. Nesse mesmo ano estavam em vias de conclusão as construções de duas importantes empresas de capital nacional, a Cofap e a ISAM (Indústria Sulamericana de Metais). A partir de 1945 ocorreram os desmembramentos e o surgimento de seis novos municípios.

Langenbuch observa o quanto era conveniente instalar-se estabelecimentos fabris exatamente junto à ferrovia que unia São Paulo à Santos:

“Num exame regional da industrialização suburbana, verificada entre 1915 e 1940, desponta nitidamente a faixa do município de São Bernardo cortada pela ferrovia, especificamente o trecho compreendido entre a divisa de São Paulo e o aglomerado Estação São Bernardo (que passou a se denominar Santo André no decorrer do citado período). A faixa São Caetano - Santo André é a única porção dos arredores paulistanos a se transformar em verdadeira “zona industrial suburbana” durante o período em causa. A mesma se destaca pelo grande número de indústrias que aí se estabelecem, pelo tamanho das mesmas, e pela diversidade de ramos industriais”. (1971)

Convém ressaltar que, em linhas gerais, a industrialização brasileira desses anos, além de ser tardia em relação aos países desenvolvidos, era também restringida e incompleta, pois se limitava basicamente à produção de bens de consumo.

Após 1930 observou-se o incremento do processo de substituição de importações como parte de uma política clara e definida por parte do Estado, com a criação de vários Institutos, Ministérios e grandes empresas como a Companhia Siderúrgica Nacional, a Fábrica Nacional de Motores, a Cia Vale do Rio Doce. Entretanto o processo de forte industrialização não ocorreu em todo o território nacional, sendo observado o grande crescimento das áreas industriais do Rio de Janeiro (então Capital Federal) e principalmente na cidade de São Paulo e seus arredores. Em 1937 o então município de São Bernardo concentrava um número razoável de grandes empresas de capital nacional ou estrangeiro: “as condições geográficas atraíram as primeiras fábricas e com elas estabeleceu-se na região uma mão-de-obra qualificada para o trabalho industrial” (SILVA, 1994, p. 57)

1.2 Segunda fase da industrialização do ABC

O que ocorreu a partir dos anos 1950 foi um marco na história do Brasil: A industrialização transformou-se no motor do crescimento do país. A indústria tornou-se o motor e centro dinâmico da economia brasileira.

A ação do governo estava sintetizada num Plano de Metas em que eram definidas as prioridades e identificado os pontos de estrangulamento, a fim de serem superados com urgência, objetivando completar o processo de substituição de importações, permitindo que o Brasil fabricasse também máquinas e equipamentos. O Plano de Metas consistia no planejamento de trinta metas prioritárias distribuídas em cinco grandes grupos (Energia, transporte, alimentação, indústria de base e educação) e a construção na nova capital federal no Planalto Central (Brasília).

Rangel (1981) enfoca que o crescimento da indústria brasileira foi de tal abrangência que passou de uma simples substituição de importações para uma verdadeira industrialização. Ainda, para o autor (1986, p. 43), a direção do

esforço principal do desenvolvimento passava pela “expansão da produção de bens duráveis – desde os apartamentos residenciais às máquinas operatrizes da Romi 28, passando pelos automóveis, pelas geladeiras e pelos eletrodomésticos em geral”. KleeB (2001) também analisa esse fato:

“Com os investimentos estatais e o capital estrangeiro ocorreu um crescimento no setor automobilístico, mecânico, metalúrgico e de material elétrico. Santo André passou a abrigar várias indústrias de autopeças. A indústria foi, então, delineando um outro perfil. A mão de obra tornou-se mais especializada e as máquinas mais produtivas”.

No período de 1956 a 1970 houve a “consolidação das bases materiais de uma sociedade urbana e industrial” (NEGRI, 1996, p. 116), pois os setores mais complexos, como materiais de transportes, material elétrico, mecânica, metalurgia e química ampliaram seus pesos relativos na estrutura industrial brasileira.

A partir de 1954, e após a instalação das grandes montadoras de veículos, outras empresas de diversos ramos industriais com o objetivo de “fornecer às montadoras e ao mercado de reposição” (CONCEIÇÃO, 2008, p. 72) instalaram-se na região do ABC. Em Santo André, essas indústrias instalaram-se nos diversos terrenos vagos existentes próximos à ferrovia, acentuando a função industrial da cidade, aliada a um crescente adensamento populacional nos dois lados da ferrovia.

2. O início do processo de desindustrialização da Região do ABC

Em decorrência do foco rodoviário estabelecido pelos planos de metas em conjunto com a industrialização acelerada, a região é vista como polo automotivo nacional, grandes empresas do ramo, assim como setores industriais de suporte à estas, como borracha e plástico, se alocaram e se desenvolveram no Grande ABC.

Contudo, a partir da década dos anos 1990, temos uma perda de capitais da região, como também, um enfraquecimento de novos investimentos em

decorrência da transformação que a região toma no sentido de migrar capitais para o setor terciário, seja pela falta de competitividade nacional frente à abertura econômica da época ou pela atratividade de novas localidades nacionais.

Partindo deste ponto, vindo para os dias atuais, o diagnóstico que se faz é que a indústria regional já não cresceria outra vez, ainda que estando em posição de destaque frente ao cenário nacional, seria somente parte do que fora antes. Tem-se ainda uma mudança gradativa do foco produtivo, onde há um crescimento da produção dos produtos químicos ao longo do tempo e uma perda gradativa do setor automotivo.

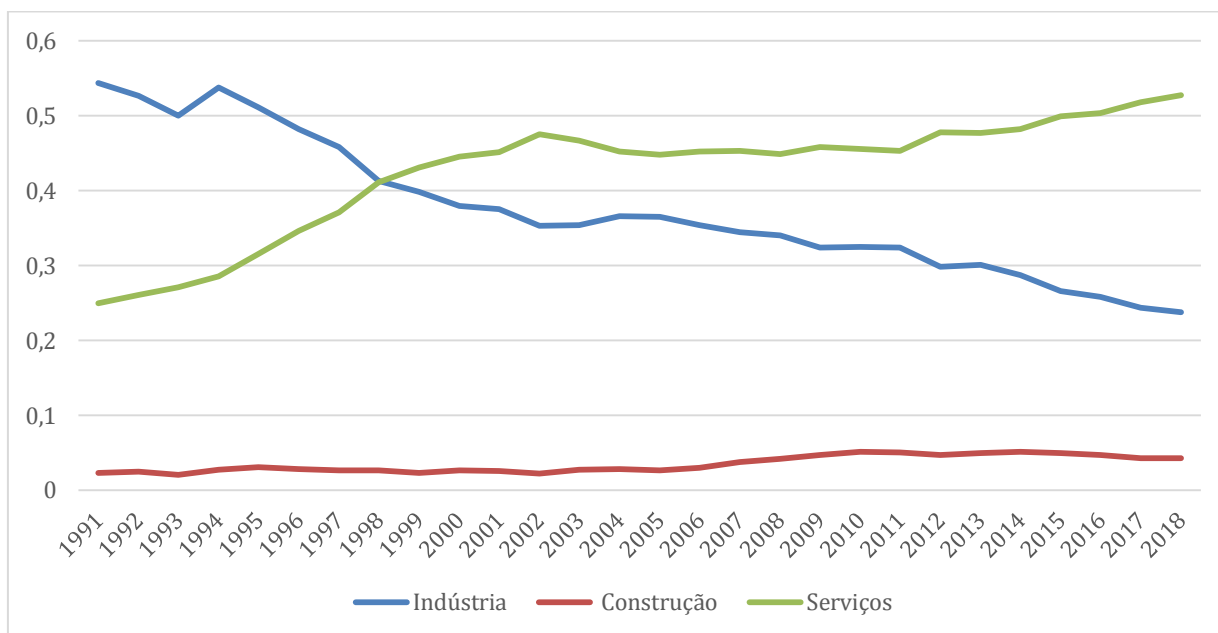
Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) mostram que entre 2013 e 2017 a Região do ABC perdeu 12,5% do seu estoque de empregos com carteira assinada. Enquanto, em 2012, a taxa média de desemprego era de 10,3%, em 2017 passou para 17,7% – um dos maiores níveis de desocupação dos últimos 14 anos de acordo com o Seade.

2.1 A perda progressiva do foco industrial no início do novo milênio

O balanço negativo registrado na participação industrial ao longo dos anos 90, conforme apontado no tópico anterior, teve continuidade na virada do milênio, mostrando uma perda em todos os indicadores de desempenho.

O valor adicionado produzido pelo setor da indústria no ano de 2016, por exemplo, representa 65% do que era em 2003, migrando grande parte do que já foi produzido para o setor de serviços, setor este que abrange taxas cada vez maiores de trabalhadores formais na região, ao passo que os empregos no setor secundário são cada vez mais escassos (ver gráfico 1).

Gráfico 1: Participação de emprego por setor



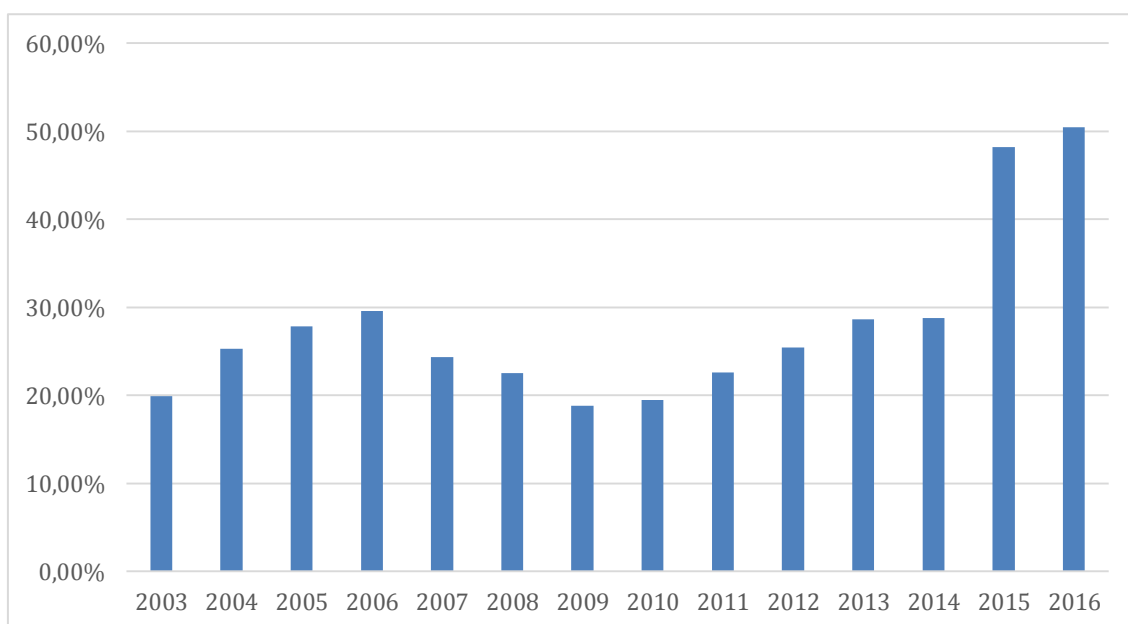
Fonte: RAIS/MTE e Fundação SEADE.

Elaboração: os autores.

Apesar do déficit anual na participação do volume de empregos no período nos mostrar uma queda considerável da indústria, o volume de empregos não se altera com tamanha proporção, nos deixando no período de 2003-2016 uma perda próxima dos 7% dos postos de trabalho, apontando uma estagnação de aproximadamente duas décadas no que se refere a este setor. Ou seja, conseguiu-se manter as empresas já alocadas até 2018, apesar de não ter novas instalações de grande porte que alavancassem a indústria local.

No contexto regional, perdia-se aos poucos a participação, a produção e os empregos, sendo este quadro agravado com a chegada da crise de 2014, de modo que se perde grande parte do mercado consumidor regional e cerca de 38% da produção industrial. Sendo assim, a partir desse período, grande parte da produção foi direcionada e absorvida pelo mercado exterior, como mostra o gráfico 2, abaixo:

Gráfico 2: Taxa de exportação Real



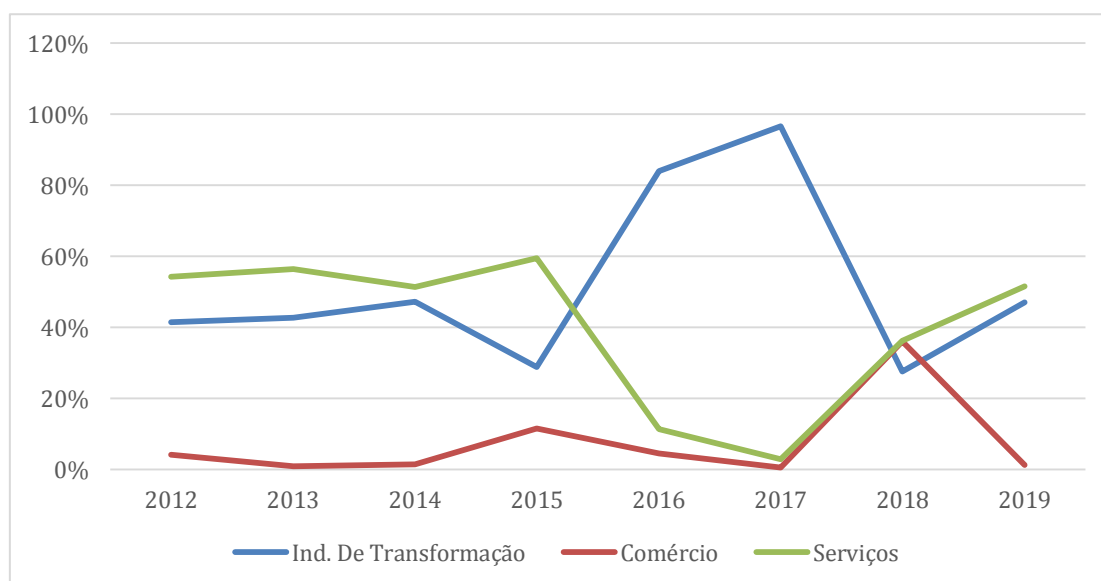
Fonte: COMEXSTAT/MIDC.

Elaboração: os autores.

A participação do setor automotivo é evidentemente muito forte e qualquer mudança pode fazer com que a região do Grande ABC sofra em termos econômicos. A diversificação da indústria da região tem chamado cada vez mais a atenção de estudiosos, estes defendem a ideia de que a centralização da matriz industrial – por parte da indústria automotiva - vem prejudicando o ABC, tendo-se em vista, também, a perda de investimentos para outras regiões do país.

Ao analisar a participação na captação de investimentos dos três principais setores (gráfico 3), observa-se uma mudança no foco industrial, a partir de 2018, onde há uma distribuição mais equilibrada entre os setores de serviços e indústria de transformação. A primeira metade da década de 2010 demonstra como a indústria de transformação vem perdendo, há muito tempo, espaço no ABC, este, por sua vez, deixa de ser o foco industrial do país.

Gráfico 3: Participação produtiva dos setores

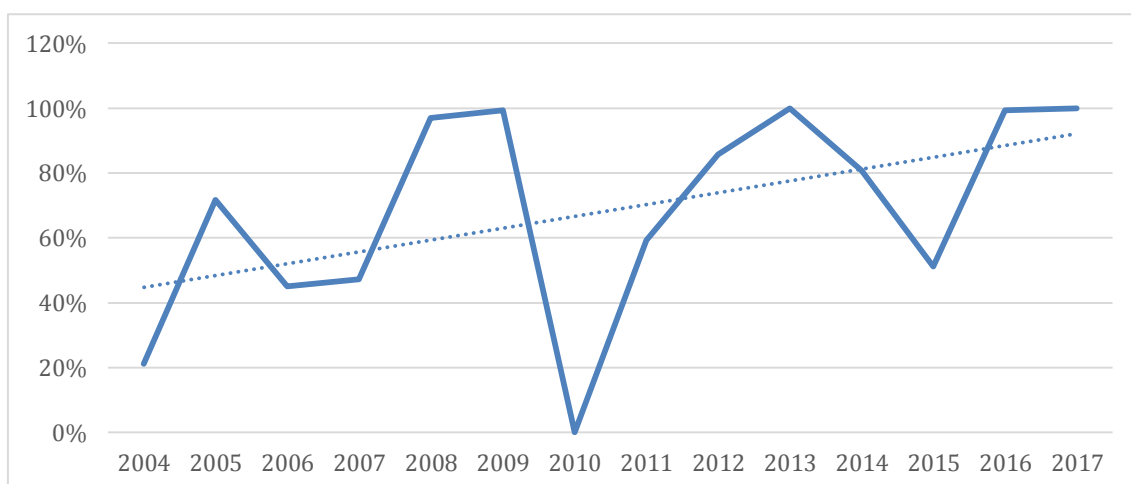


Fonte: Fundação SEADE.
Elaboração: os autores.

Em questão de valores, estes são seguidos pela proporção demonstrada acima. Em 2017, observa-se um pico na Indústria de transformação, registrando 96% do total na região do ABC. Os investimentos feitos pela GM, na ordem de 9 bilhões de reais, Volkswagen e Scania, com pouco mais de 2 bilhões e meio demonstram, mais uma vez, a força da indústria automotiva na região. Estes valores são de grande importância para o setor, haja vista que representaram cerca de 67% dos investimentos na indústria paulista, fugindo do padrão apresentado nos anos anteriores, quando registrou cerca de 7% dos investimentos (Gráficos 3).

O domínio do setor automotivo também é demonstrado aqui: a média do capital investido no setor, comparado com o montante de investimentos feitos na região, é de 68% (Gráfico 4). Porém, a estagnação dos vínculos empregatícios não se apresenta do mesmo modo quando nos referimos à destino de capital, haja vista que não podemos afirmar que uma queda da primeira, não pode ser dada como causa direta, da segunda.

Gráfico 4: Participação da Indústria Automotiva



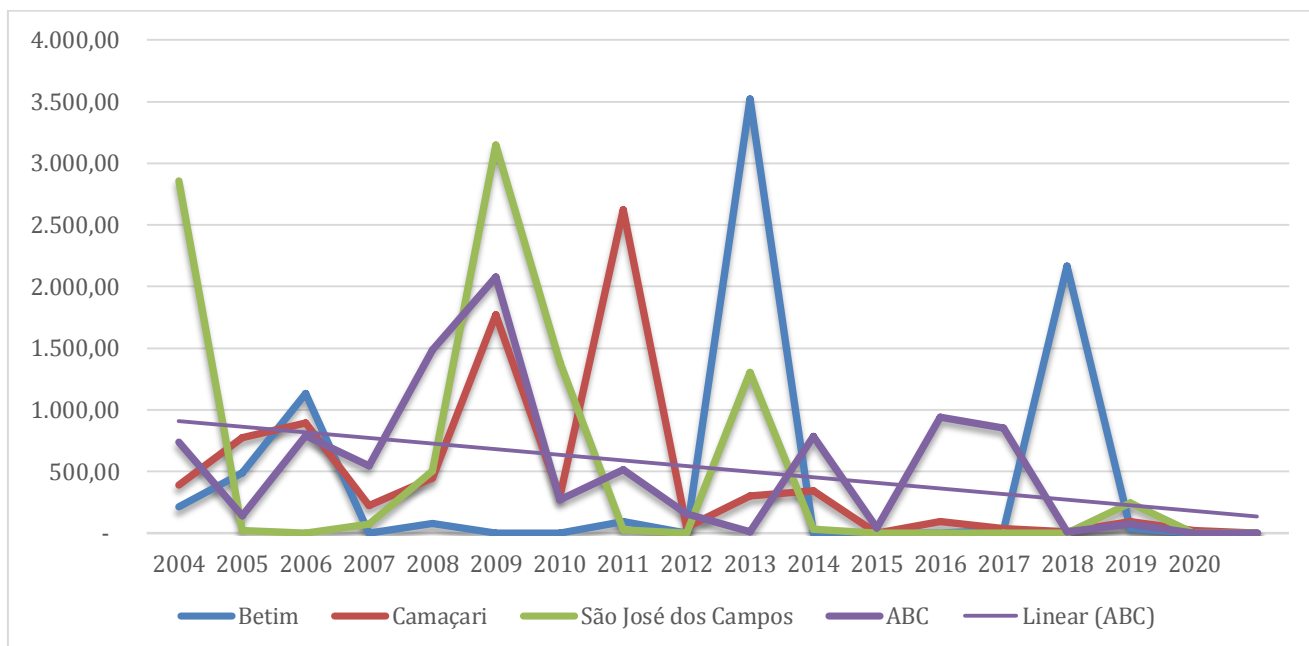
Fonte: Fundação SEADE.

Elaboração: os autores.

Por fim, o gráfico 4 mostra a perda de investimentos na Região do ABC em relação as outras cidades¹ que apresentam o mesmo perfil industrial. Atualmente estas cidades representam grande participação nos investimentos anunciados no país pela indústria automobilística. Isso pode justificar, em parte, uma tendência de perda de investimentos para o setor automotivo em nossa região.

¹ Camaçari (BA), onde encontra-se o maior polo industrial integrado do Hemisfério Sul; Betim, (MG), grande centro automobilístico dominado pela Fiat Chrysler, e; São José dos Campos (SP).

Gráfico 5: Investimentos anunciados (em milhões de dólares)



Fonte: RENAI – Rede Nacional de Informações sobre o Investimento.
Elaboração: os autores.

3. A INDÚSTRIA DA ALTA INTENSIDADE TECNOLÓGICA DO ABC

No grande ABC, como também no restante do Brasil, a indústria de alta intensidade tecnológica não se desenvolveu da maneira como deveria. Países considerados desenvolvidos tem suas indústrias de alta tecnologia bem estruturadas e estabelecidas no mercado, tendo possibilidade de competir no mercado internacional com seus produtos manufaturados.

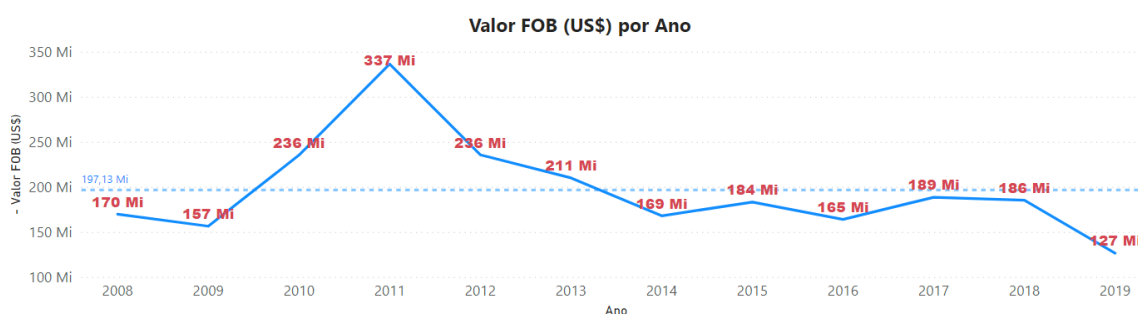
A perda de espaço dessa indústria, que reúne produtos farmoquímicos e farmacêuticos, produtos eletrônicos e de informática e a fabricação de aeronaves, acompanha o processo de desindustrialização do Grande ABC, como também do restante do País.

A partir de dados levantados pela Conjuscs (Observatório de Políticas Públicas, Empreendedorismo e Conjuntura), da universidade municipal de São Caetano do Sul e extraído do site do diário do grande ABC, entre os anos de 2007 e 2017, “os itens de alta tecnologia diminuíram sua participação nas

exportações de 3,43% para 2,86%, o que representa movimentação de US\$ 154 milhões.”

Visando o crescimento econômico, torna-se necessário o investimento em itens de alta tecnologia, uma vez que, por demandarem mão de obra mais qualificada e por um processo mais detalhado e complexo, o produto final goza de um maior valor adicionado, podendo gerar maior lucratividade, não somente em termos de capital, mas também ajudando os demais setores da indústria local, abrindo espaço para a competição dos itens fabricados no Grande ABC com os itens importados.

Gráfico 6: Exportações de alta intensidade tecnológica



Fonte: COMEXSTAT/MIDC.

Elaboração: os autores.

O gráfico 6 mostra que em 2011 as exportações de produtos de alta intensidade tecnológica no Grande ABC apresentaram seu melhor desempenho na série histórica estudada, que compreende de 2008 a 2019, valor esse que representou 4,42% do valor das exportações do grande ABC. De 2011 até 2019 houve uma queda de 1,07% na participação das exportações.

Tratando o valor das exportações dos produtos de alta intensidade tecnológica, vemos uma queda acentuada de 62,3% se comparado o ano de 2011 com o ano de 2019. Caracterizando ainda mais o processo de desindustrialização do Grande ABC.

3.1. A INDÚSTRIA 4.0 NO GRANDE ABC

Muito tem sido falado a respeito da indústria 4.0 e de suas vantagens no aprimoramento dos processos industriais. Mas o que vem a ser a indústria 4.0?

O termo foi cunhado em 2011 na Alemanha, na feira de Hannover, numa tentativa alemã de recuperar a participação no valor agregado na produção global. O interessante é notar que a ideia de indústria 4.0 surgiu como uma estratégia para o desenvolvimento da indústria alemã de alta tecnologia, por possuir maior valor agregado junto ao produto.

Quando falamos da inserção da indústria 4.0 no Brasil, nos deparamos com diversos empecilhos, os quais são decorrentes da atual fase de transição de vários setores da indústria pela indústria 2.0 para a 3.0, que são caracterizadas respectivamente por linhas de montagem e energia elétrica, e automação, eletrônica, robótica e programação. Ou seja, é improvável pensar em uma indústria 4.0 num cenário em que ainda ocorre a fase anterior.

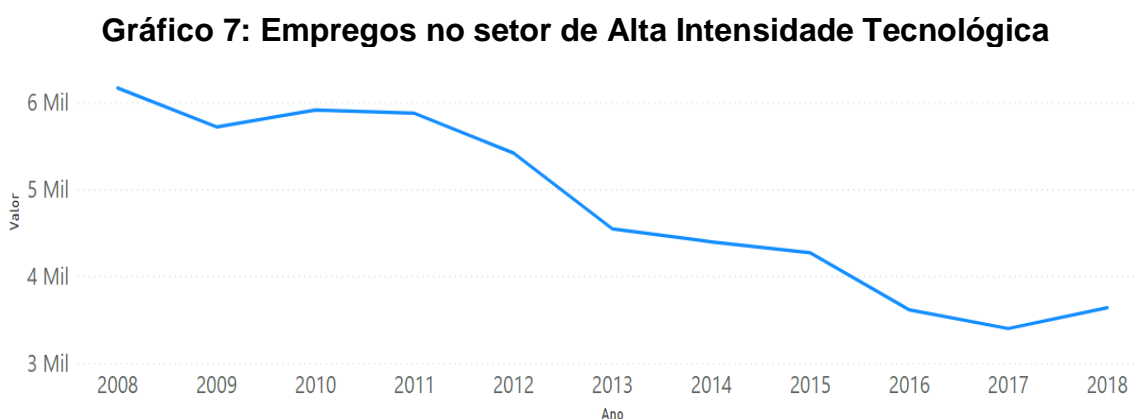
No que tange o ambiente industrial do Grande ABC, vale a pena destacarmos que a indústria automobilística é a que melhor se enquadra no perfil da indústria 4.0 no cenário atual. Existe constante especialização da mão de obra e o setor representa a grande maioria de itens fabricados na região. Outro setor que deve ser levado em consideração, em especial pelas circunstâncias atuais, é o de produtos farmoquímicos e farmacêuticos, onde a tecnologia 4.0 conseguirá obter ganhos, que vão desde a rastreabilidade dos produtos à processos automatizados.

No entanto, por demandar uma mão de obra mais qualificada, é necessário formar profissionais que estejam habituados com a flexibilização do trabalho frente as exigências do mercado da tecnologia. Muito tem-se falado sobre a perda de inúmeros postos de trabalho com o advento da indústria 4.0 e, o que se tem visto, é que ao mesmo tempo que se destroem postos de trabalho, se criam outros tantos. Além disso, a criação desses novos postos de trabalho acaba agregando maior remuneração, podendo gerar maior crescimento para o país. Essa tendência foi constatada por Vogler-Ludwig et al (2016), onde um

estudo alemão previu que o mercado de trabalho não conseguirá suprir a indústria 4.0 com mão de obra qualificada.

No caso do Grande ABC, o mercado de trabalho da indústria de alta intensidade tecnológica se vê perdendo espaço em meio ao aumento constante dos demais setores que ainda conseguem se sustentar, em especial no segmento automobilístico, que sustenta grande parte da indústria do Grande ABC.

Conforme demonstrado até aqui, o processo de desindustrialização, acompanhado pela falta de investimento em mão de obra qualificada e em políticas públicas, resultou, principalmente a partir 2011, em uma constante queda no número de indivíduos empregados no setor de alta intensidade tecnológica; como se vê no gráfico abaixo:



Fonte: RAIS/MTE.

Elaboração: os autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o atual cenário da indústria de alta intensidade tecnológica podemos constatar o fato de o Grande ABC ainda não estar pronto para a implementação da indústria 4.0 e algumas razões podem ser responsáveis por tal cenário: a primeira, é o aumento do custo do trabalhador, dado principalmente pela ação dos sindicatos, e, a segunda, a guerra fiscal entre os polos e estados. Isso explica, em parte, o escoamento do investimento do ABC para outros polos como São José dos Campos, Betim e Camaçari. Além disso, a crescente desindustrialização da região não propicia maiores incentivos à

indústria emergente de alta intensidade tecnológica, impossibilitando a implementação da indústria 4.0.

Referências

- ANAU, R. (2002). As transformações econômicas no grande ABC de 1980 a 1999. Pós. Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP, 11, 46-59. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v11i0p46-59>
- ANDRADE, Margarida M. Diadema: uma área de expansão da indústria na metrópole paulistana. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979 (Dissertação de Mestrado em Geografia Humana da FFLCH/USP).
- BRESSER-PEREIRA, Luiz C. A construção Política do Brasil: Sociedade, Economia e Estado desde a Independência. São Paulo: Editora 34, 2014.
- BRUM, Argemiro J. Desenvolvimento Econômico Brasileiro. 21ª ed. Ijuí/Petrópolis: Ed. Unijuí/Vozes, 2000.
- FERREIRA, J.C..Aspectos históricos e geográficos da industrialização de Santo André. 2015 (Apresentação de Trabalho/Congresso)
- KLEEB, Suzana C. Breve Histórico de Santo André, Santo André: PMSA, 2001. Disponível em: Acesso em 20 jul. 2011.
- KLEEB, Suzana C. Transformações da paisagem na área central de Santo André/SP, 1911-2011. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2013 (Dissertação de Mestrado em Planejamento e Gestão do Território da UFABC).
- Lazzareschi, Noêmia; VIEIRA GRAGLIA, M.A.. A Indústria 4.0 e o Futuro do Trabalho: Tensões e Perspectivas. [S.l.]: Revista Brasileira de Sociologia, 2018. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/rbsociologia/index.php/rbs/article/view/424/242>. Acesso em: 17 jun. 2020.

SILVA, Sérgio L. C. Crise e Ajuste da indústria da Grande São Paulo 1980/1993: um estudo do caso da região do ABC. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994 (Dissertação de Mestrado em Economia da UNICAMP).

RANGEL, Ignácio. Economia: Milagre e Anti-Milagre. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

HENRIQUE, Arthur; PEREIRA DA SILVA, Paulo; SKAF, Paulo. Um acordo pela indústria brasileira. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 de maio de 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2605201107.htm>. Acesso em: 02 de jun. de 2020.

OLMOS, Marli. ABC encolhe e pode virar região símbolo de desindustrialização no país. **Valor**, São Paulo, Diadema e São Bernardo, 26 de março de 2019. Disponível em: <https://www.valor.com.br/node/6181159>. Acesso em: 12 de jun. de 2020.

FERRAZ, Yara. Tecnologia é vital para comércio exterior crescer. **Diário do Grande ABC**, 2018. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/2925466/tecnologia-e-vital-para-comercio-exterior-crescer>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.

Ministério do Trabalho. **CAGED** – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. São Paulo, 2020 Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/>. Acesso em: 03 jul. 2020

Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Comex Stat**, 2020. Exportações e Importações Municípios. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>. Acesso em 17 jun. 2020.

Polos industriais no país atravessam momento de crise. **Estado de Minas**, 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/03/13/internas_economia,1037429/polos-industriais-no-pais-atravessam-momento-de-crise.shtml?fbclid=IwAR0aHMYbg7qxIREtwQ9vEg_Xag0nh29E5bj-WmN32jnXI7vffUerF8zXr2k. Acesso em: 02 de jun. de 2020.

LEONARDI, EGLE. A indústria farmacêutica 4.0 – tudo vai mudar. **ICTQ**, [entre **2010 e 2020**]. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/industria-farmaceutica/774-a-industria-farmaceutica-4-0-tudo-vai-mudar>. Acesso em: 16 de jun. de 2020.

O Novo Mapa das Montadoras. **Isto é dinheiro**, 2019. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/o-novo-mapa-das-montadoras/?fbclid=IwAR2aMRf1WbEA4pFdexe6ucu1E8qVRnJ-iHKH-O9MKDjlyFcicbskKU4MpCg>. Acesso em: 02 de jun. de 2020.

Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **RENAI**, 2020. Relatórios de Anúncios de Investimentos. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/index.php/competitividade-industrial/renai?id=3129>. Acesso em: 01 jul. 2020.

Fundação SEADE. **SEADE**, 2020. Pesquisa de investimentos anunciados no Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.piesp.seade.gov.br/#>. Acesso em: 01 jul. 2020.

Fundação SEADE. **SEADE**, 2020. Informações dos municípios paulistas. Disponível em: <http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/>. Acesso em: 29 jun. 2020.